

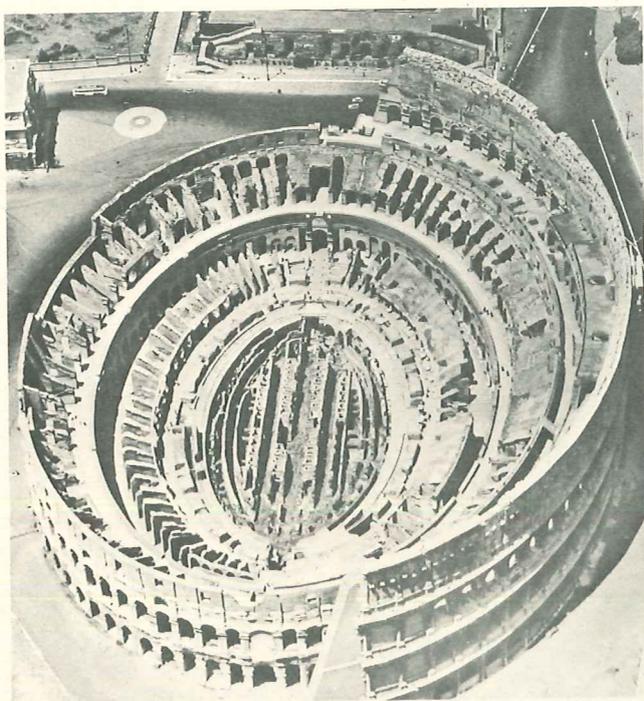
*“E uma voz do céu
disse: Este é o meu
Filho amado . . .”*

—Mateus 3:17

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE FEVEREIRO DE 1978





Um mundo sob outro mundo. Por cima, Roma imperial, fervilhante e cosmopolita. Por baixo, mais de oitocentos quilômetros de galerias, a profundidades comparáveis à altura de um prédio de quatro andares.

Até aos princípios do século V, essas galerias, chamadas catacumbas, eram esconderijos secretos.

Calcula-se hoje que mais de dois milhões de cristãos se encontram sepultados nas catacumbas de Roma. Daí, serem genericamente designadas por cemitérios cristãos. Mas o nome não caracteriza, exactamente, esses extensos subterrâneos.

Hoje, arqueólogos e religiosos de vários credos visitam-nas para redescobrir a fé e a tenacidade dos responsáveis pela sua existência.

Descobriu-se que, em áreas mais espaçosas das catacumbas, os cristãos, na altura cruelmente perseguidos, se reuniam regularmente para culto a Deus. Incrições tumulares dão conta da sua fé em Jesus Cristo, da serenidade confiante com que enfrentavam a morte, da esperança que tinham da vida eterna.

Conquanto as catacumbas de Roma sejam as mais famosas, encontram-se outras menores em Nápoles, Siracusa e Paris.

Que dizem elas ao mundo de hoje?

São uma advertência contra um clima de loucura política e de intolerância religiosa.

Roma de exércitos vitoriosos e fronteiras que se estendiam pelo mundo conhecido de então, caiu no

logro de divinizar homens. Graves crimes sociais passavam sem reparo, enquanto a população ignorante era incitada a dar caça aos seguidores de Jesus, a queimá-los em fogueiras ou a lançá-los às feras.

O pavor de tal clima levou os cristãos a perfurarem a terra e a viver como toupeiras, em galerias infinitas, pelo espaço de quase cinco séculos.

As catacumbas respondem também a uma pergunta: Por que razão tais homens e mulheres não renegaram a sua fé e não saíram à superfície para viver a vida sensual e despreocupada dos romanos de então?

Temos de concluir que, milhões de pessoas que se refugiaram nesses subterrâneos, encontraram na sua fé algo superior a todas as ofertas que Roma podia apresentar. Para elas, a religião não era factor accidental. Era tudo. Merecia tudo. Em muitos túmulos, hoje visitados por turistas, lêem-se inscrições que dizem claramente que as pessoas aí enterradas tiveram morte violenta. Se a conservação da fé exigia tal preço, prometeria, por certo, recompensa maior.

Pinturas e textos ainda hoje dispersos pelas catacumbas dão o porquê de tão grande persistência em seguir a Cristo. Jesus era, para eles, mais do que o imperador divinizado ou a própria Roma de exércitos inexpugnáveis. Era Deus. Por isso, embora sensíveis à dor física e amantes da vida e dos familiares, preferiram morrer a negar o seu Senhor. A Bíblia diz, a respeito deles: "Foram torturados, não aceitando o seu livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição".

A fé custava-lhes mais que uma frequência à casa de oração. Exigiu a milhares deles o sacrifício total. Fizeram-no conscientemente, na certeza de que o Deus a Quem serviam jamais estaria confinado ao tempo, às circunstâncias e ao destino inescapável ao próprio imperador.

Tinham confiança num dia melhor. Mesmo uma espera de quase cinco séculos não esmoreceu a determinação daquela gente. Cinzelaram a palavra da Esperança em túmulos onde pagãos só poderiam registar uma nota de desespero. Deram-nos uma lição que não queremos esquecer nestes dias de catedrais sumptuosas a encimar cidades, e em que o Cristianismo saiu de subterrâneos para ser religião "oficial" de alguns estados.

Eles não tinham apenas um rótulo—na altura, menos popular que hoje. Viviam em íntima comunhão com Cristo. A gente que se refugiava nas catacumbas ainda diz a você e a mim que, quando somos forçados a escolher, Jesus é o partido que merece lealdade total. □

AS CATACUMBAS DE ROMA

—Jorge de Barros

A SUA ORAÇÃO POR TI

—Orville W. Jenkins
Superintendente Geral



Jesus orou sempre e ainda ora pelos Seus. Concluiu o Seu discurso final aos discípulos com a grande oração intercessória registada no capítulo 17 do Evangelho de João. Neste capítulo somos levados ao lugar santíssimo à medida que ouvimos o Senhor orar pelos Seus discípulos e por todos os que n'Ele cressem.

O ponto culminante dessa oração é: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (João 17:17).

Anteriormente, Jesus dissera: "Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus" (João 17:9). O Seu desejo para os discípulos era que permanecessem no mundo e recebessem uma nova purificação ou santificação dos seus corações, de modo a que fossem unidos, o mundo pudesse crer e Deus fosse glorificado por seu intermédio.

A graça santificadora de Deus ainda produz em nós um coração puro de amor para com Ele e o próximo. Esta graça capacita-nos a testemunhar a todos de um modo positivo e convincente, e a glorificar a Deus pela consistência de uma vida santa.

A nossa palavra de encorajamento a todos os que buscam a santidade do coração e vida é que Jesus acrescentou: "E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão-de crer em mim" (João 17:20). Sim, Ele orou e ainda ora por ti, para que sejas purificado de todo o pecado e cheio da plenitude do Espírito Santo, em graça santificadora. Como diz o autor do hino:

*O querer divino é sempre
Nossa santificação,
Pois de paz, gozo e justiça
Enche o nosso coração
E nos guarda vencedores,
Sem temor nem repreensão.
Na jornada para a celestial mansão.*



foto por Harold M. Lambert

CAMINHO DE EMAÚS

(Lucas 24:13-35)

Caminho poeirento
onde a poeira
da dúvida
sufoca mais
na ânsia de asfixiar
no vão da descrença

Caminho longo
onde a distância maior
a percorrer
é a que separa
o homem
do seu Criador

Caminho penoso
onde o fardo do desânimo
de proporções gigantescas
estanca o passo
anuvia a visão
paraliza a vida

Caminho de Emaús!

Caminho providencial
onde o terceiro Viajante
chega na hora exacta
suplanta a dúvida
encurta a distância
supera o desânimo

J. S. Monteiro Fortes
S. Paulo, Brasil

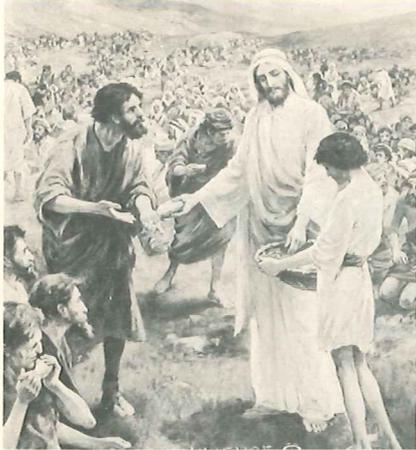
O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
M. ODETTE PINHEIRO, Redactora
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 1 de Fevereiro de 1978 Número 3

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.0. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Application to mail at second-class postage rates is pending at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



Refiro-me a Jesus Cristo, a quem H. I. Hester chamou "a figura mais proeminente da história humana".

Assim como os mentores da alta-moda elaboram listas das mulheres que melhor se vestem, e as capitais de todos os países as fazem das pessoas de maior relevo social, também neste século têm sido preparadas listas de personagens mundiais segundo a sua importância individual e projecção internacional. Nestas, o Senhor Jesus aparece como a personagem mais importante e de maior influência mundial.

Não é de estranhar, pois, por mais que reconheçamos os méritos de indivíduos nossos contemporâneos ou de figuras históricas, ninguém ousaria comparar qualquer deles com Jesus Cristo. O Homem de Nazaré ocupa sempre o primeiro lugar; reconhecido como Deus e Salvador, o Cristo da história não só é a figura mais proeminente de todas as idades, mas quem dá sentido à própria história.

O Dr. Charles Jefferson declara: "Nos últimos cinquenta anos têm-se escrito mais livros sobre a vida de Jesus que de qualquer outra personagem histórica. Imprimem-se, semanalmente, mais páginas a Seu respeito que de qualquer dos grandes mestres da história universal".

É que a grandeza de Jesus é total. Total em poder. Ao falar d'Ele sente-se que foi mais que um simples homem e, portanto, associa-se com o eterno. Por Sua relação com a eternidade não deixa dúvidas de que é o Filho de

Deus e, por conseguinte, o próprio Deus.

Vejamo-LO pelos caminhos da Judeia, seguido por doze companheiros e multidões ávidas de ouvir dos Seus lábios palavras de vida eterna.

Ouçamo-LO:

"Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus" (Mateus 5:8).

"Ouvistes que foi dito aos antigos . . . Eu, porém, vos digo" (Mateus 5:21-22).

"Eu sou o bom Pastor: o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas" (João 10:11).

"Dou a minha vida . . . ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo, a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la" (João 10:17-18).

É Deus a falar; o Deus de poder, porque expulsa os demónios, ressuscita os mortos, é obedecido pelo mar e pelos ventos, fala como quem tem autoridade e promete o céu ao ladrão da cruz à direita.

A grandeza de Jesus Cristo também se revela na Sua perfeição que é beleza. Por isso, gostamos de cantar: "A beleza de Cristo se veja em mim". Os que andaram com Ele e O conheceram melhor, ficaram fascinados e dominados pela Sua bondade. Era cheio de graça e de verdade.

As crianças amavam-nO, os jovens exaltavam-nO e os publicanos acudiam a Ele não para cobrar impostos, mas para que os ensinasse a restituir a quem haviam defraudado.

Os Seus conselhos tinham a cadência do balbuciar prazenteiro do menino quando acaba de comer; os Seus mandatos eram de ternura inconfundível e as Suas

personalidade contagiosa

—H. T. Reza



© Providence Lithograph Co.

decisões tomadas com a fortaleza do homem criado sob a dureza do tempo, como acontece com os lenhadores.

As Suas mãos abarcaram todo o mundo; os Seus pés caminharam até ao abismo para atraírem o perdido; os Seus olhos penetraram através do tempo até abrangerem os desvalidos de hoje; as palpitações do Seu coração ecoaram para que os pecadores soubessem do Seu imenso amor. Desejava incluir toda a humanidade de todas as épocas da história. O Seu reino é universal e a Sua existência sem fim.

Assim como o céu não admite adição para ser mais belo, também a Sua personalidade não admite melhoria. Ele é tudo o que esperamos que a Divindade seja e tem tudo o que os tesouros do universo oferecem e ainda mais.

Cristo é uma força viva, uma bondade contagiosa e uma personalidade radiante.

Como seremos pregadores do evangelho sem sentir em nós a influência da Sua vida?

Como pregaremos a Sua mensagem se não nos comovemos ante a realidade do Seu poder? As Suas palavras "são espírito e vida".

Como apontaremos aos outros o Seu perdão se nós mesmos ainda não experimentámos o seu ardor espiritual?

Nunca poderemos ser mais que Ele. Ele irá sempre à frente. Dir-nos-á: "Segue-me". Ele é o ideal do coração e o objectivo da humanidade. É o lírio dos vales, a rosa de Saron e o escolhido entre dez mil. Ele é o próprio Deus. □



conflitos numa vida santa

—Donald S. Metz

Na vida do único Homem Perfeito que jamais existiu, houve conflitos. Jesus era sensível e afável para com as crianças. Tinha rara compreensão e respeito para com a gente nova. O sofrimento físico e a pobreza opressiva despertaram os Seus sentimentos. E, contudo, as Suas palavras e acções originaram conflitos com muita gente.

Jesus tem sido apelidado de tudo, desde pessoa fraca a revolucionário. Os críticos pintam-nO como um sonhador de olhos marejados ou um fanático de olhar desvairado. Tem sido acusado por alguns de ser intolerante e, por outros, de ser liberal. Jesus, porém, não foi nada disso.

Houve problemas na vida de Jesus por causa da tensão natural entre a santidade e o pecado. Os que amam o pecado reagem automaticamente contra os justos porque a vida santa destes é uma reprovação silenciosa das suas vidas depravadas. Gostamos de pensar que eliminaríamos todos os conflitos se fôssemos perfeitos espiritualmente. Nada disso, a não ser que pudéssemos viver sozinhos, como eremitas. A pessoa realmente é, muitas vezes, alvo de inveja e oposição simplesmente pelo facto de ser boa.

Deflagraram-se conflitos no ministério de Jesus, porquanto colocou as necessidades humanas acima de tradições do passado. A tradição é salutar, benéfica e até desejável—quando está de acordo com a verdade revelada. É boa quando contribui para satisfazer as necessidades humanas; mas quando Jesus teve de escolher entre a tradição rígida e a necessidade urgente do homem, nunca hesitou em decidir-se a favor desta.

Jesus provocou conflitos porque insistiu sempre em atribuir um valor espiritual ao homem, às coisas e aos lugares. Uma pessoa tem valor infinito por ter uma alma imortal. A sua grandeza não é determinada pelo total dos seus bens materiais, mas sim pela sua relação com Deus e com o próximo. O valor da vida não se baseia na actividade frenética e centralizada em si mesmo, mas no serviço humilde e no amor pela bondade, verdade e beleza.

A resposta tanto de Roma como de Jerusalém para o único Homem Perfeito que jamais existiu foi uma cruz levantada em direcção ao céu. Uma vida santa é, com frequência, uma vida de conflitos. □



© Providence Lithograph Co.

—Clare St. John

A Marca do

DISCIPULADO

pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão" (João 6:26). No entanto, Ele não era um simples reformador social e, por isso, recusou seguir tal caminho.

Jesus podia ter enveredado pelo *sensacionalismo*. Foi tentado por Satanás a fazê-lo. É facto comprovado que a gente vai atrás do sensacional e espectacular. O Senhor podia ter explorado o Seu poder de curar . . . mas não o fez.

Todavia, tomou uma *toalha*! Era a coisa mais natural do mundo tomar uma toalha. Tinham andado todo o dia por estradas poeirentas e ao entrar no cenáculo deixaram as sandálias à porta. Era normal que o hospedeiro providenciasse que os pés dos convidados fossem lavados. Jesus pregara acerca da humildade; agora tratou de a demonstrar.

Maravilhosa condescendência! O *Mestre* a lavar os pés dos discípulos! As palavras introdutórias de João realçam-na ainda mais: "Jesus, sabendo que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus . . . tirou os vestidos e, tomando uma toalha . . . começou a lavar os pés aos discípulos" (João 13:3-5). Bem consciente de Quem era, pegou numa toalha e abaixou-Se para lhes lavar os pés!

Semelhante ideia de tão nobre humildade era desconhecida nesse tempo. A melhor escola ética ensinava que o orgulho pessoal era a base de todas as virtudes. Calígula ficava encantado quando tinha senadores a servi-lo. E assim tem sido através da história. Nietzsche desprezava a humildade como sinal de fraqueza (Hitler foi o seu discípulo mais famoso!).

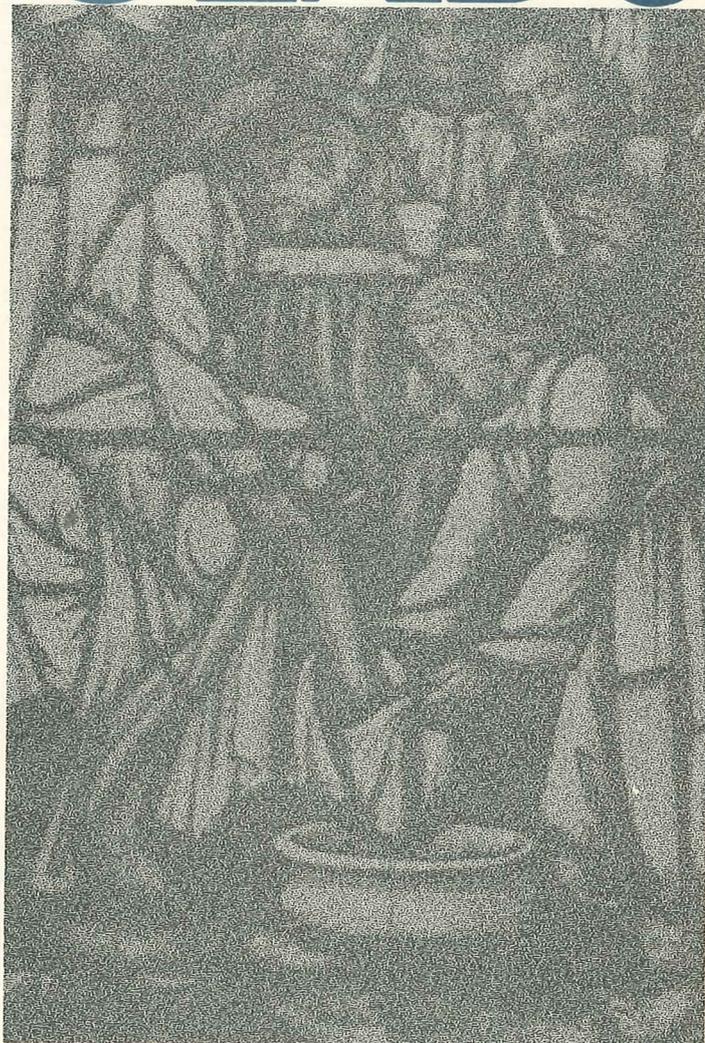
Jesus, porém, "tomou uma toalha", dizendo: "Eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também". □

"Jesus . . . tomando uma toalha, cingiu-se", escreveu João; e assim deu aos Seus discípulos, através de todos os tempos, o mais elevado exemplo.

Podia ter tomado uma *espada*, mas não o fez. Porquanto a Sua missão não era libertar do poder de Roma, mas do pecado. O Seu método de ganhar homens não dependia da força mas do exemplo.

Podia ter tomado uma *pena*, porque "é mais poderosa que a espada". Ele era a Verdade personificada e podia ter usado a verdade para dominar as multidões. Até podia ter preparado livros, folhetos e, por meio duma cruzada poderosa, estabelecer o Seu reino. Mas o Seu único escrito de que há memória foi feito na areia (João 8:8) e depressa foi apagado por toscas sandálias.

Ele podia de novo ter tomado um *pão* e multiplicado. O povo segue facilmente quem lhe dê comida. Os políticos sabem-no muito bem. O próprio Jesus o reconheceu quando falou às multidões, dizendo: "Na verdade vos digo que me buscais, não



Jesus não pretendeu ditar um código de leis para orientar o comportamento humano; simplesmente apresentou princípios morais e éticos aplicáveis à nossa vida.

JESUS E SEUS PRINCÍPIOS

—Carlos Perea

Os "santos" da idade média pensavam ser incompatíveis o conhecimento profundo de Deus e a vida livre entre os homens do mundo. Viviam nos montes, nas cavernas, nos desertos, em demanda duma vida santa. Creio que o propósito divino quanto ao homem é bem claro: preparar-nos espiritualmente para servir a humanidade e, através da mensagem divina, alcançar os perdidos para que gozem dos benefícios da salvação.

Talvez o nosso problema se situe na incapacidade de transmitir pensamentos puros e espirituais à humanidade, preferindo a posição separatista do fariseu, sem utilidade de espécie alguma.

Mas o conceito de Jesus foi muito além. Nunca Se sentiu separado da presença do Pai, pelo facto de buscar os perdidos, qualquer que tenha sido a posição física, moral e económica destes.

Misturou-Se com o povo e conheceu os seus costumes. Compreendeu o carácter humano e prestou-lhe ajuda. As Suas parábolas referem-se a esse contacto da vida quotidiana.

Embora vivendo entre os homens, nunca teve medo das suas críticas. Não se rendeu às suas tradições e conveniências sociais. Enquanto sãs e inocentes, tolerou-as; quando falsas, enganosas e malignas, censurou-as abertamente.

Jesus não pretendeu ditar um código de leis para orientar o comportamento humano; simplesmente apresentou princípios

morais e éticos aplicáveis à nossa vida:

Perfeição. Era e é a norma do Senhor. Quem pretenda ser Seu seguidor deve procurar n'Ele a perfeição.

Devemos ser rectos na vida diária, rejeitando toda a mentira e engano. Jesus estabeleceu uma norma absoluta de verdade. Precisamos de ser íntegros, verdadeiros até ao ponto das pessoas que nos cercam acreditarem em nós. Mesmo que tenhamos de sofrer por isso.

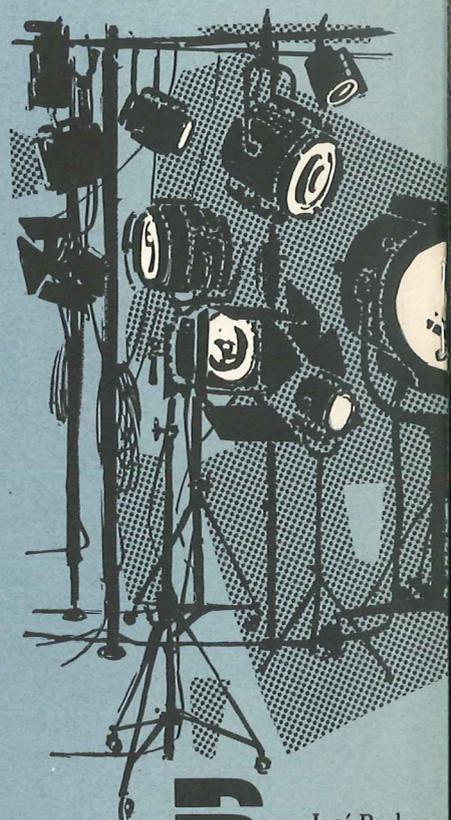
Amor. Nem a pobreza, nem a inferioridade social poderão abrogar a lei do amor. O próprio Jesus Cristo amou dando-se a Si mesmo por nós. Aos que O condenaram, esbofetearam e cuspiram no rosto, disse palavras de amor: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34).

Além disso o Senhor acrescentou: "Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros" (João 13:34). Enquanto houver um ser humano na terra, podemos pôr em prática este conceito de Jesus. Assim, evitaremos problemas com o nosso semelhante.

Humildade. Jesus foi exemplo de humildade; disse aos discípulos: "Aprendeis de mim, que sou manso e humilde de coração" (Mateus 11:29). Só o Senhor podia declarar esta verdade; e quem for humilde como Ele, triunfará nas grandes batalhas espirituais.

Dever. Começou a vida com estas palavras: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios do meu Pai?" (Lucas 2:49). E noutra ocasião: "Convém que eu faça as obras daquele que me enviou" (João 9:4). As coisas pequenas não podem interromper as grandes. Há obrigações primordiais que se devem cumprir. O Senhor ensinou-as com respeito à família, ao estado, aos amigos e, sobretudo, a Deus: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração" (Mateus 22:37). Marca o ponto de partida para o homem. Se o aprendermos, conseguiremos a perfeição, a humildade e o amor.

Estes princípios nortearão o nosso comportamento e o apoio directo ao nosso próximo. □



—José Pacheco

VERDADEIRO
"SUPERSTAR"

Quem é o teu herói favorito?

Todos, durante a meninice, tivemos um. Alguns adultos continuam a idolatrá-lo secretamente, mesmo depois de velhos.

Além de admirar o nosso herói, procuramos imitá-lo. Motivo pelo qual a cultura de certos países se infiltra noutros através da literatura e da cinematografia. Há jovens que admiram pessoas de quem só se sabe pelos jornais, livros, revistas e filmes, quando na realidade não têm méritos suficientes para poderem ser consideradas "heróis", nem sequer pelos conterrâneos. Ou admiram personagens lendárias que não existem, que estão longe de ser reais.

Vêm-se actualmente muitos heróis, supostos libertadores das massas oprimidas. Passam por redentores dando, aparentemente, a vida pela causa da justiça e dos pobres. Digo "aparentemente", porque a maioria é tão injusta e capitalista ou burguesa como os inimigos que atacam. Vários desses políticos têm residências sumptuosas e grandes depósitos bancários no estrangeiro.

Há anos, no México, foi muito popular um líder agrário que pretendia lutar pelos interesses dos deserdados, oprimidos e miseráveis. Muitos camponeses apoiaram-no. Universitários chegaram a proclamá-lo "herói" do povo que sofria. Depois de infringir as leis do país e de se converter em prófugo da justiça, foi abatido a tiro. Investigações posteriores revelaram que tinha boa mansão numa das cidades turísticas do México, muito dinheiro no banco, sob pseudónimo, e que levava vida de luxo com os amigos e seguidores mais próximos.

Além disso, possuía várias amantes. No entanto, muitos ainda hoje o consideram herói, grande lutador contra o capitalismo e a burguesia, mártir pelo pobre e oprimido!

Também é assim o pecado, enganador. É origem de falsidades e mentiras. Convince o jovem de que a sua causa é a melhor, a maior da vida. E lá vai este atrás do pecado, do mundo e das suas vaidades supérfluas, imitando os "heróis dos filmes", que se opõem à disciplina da escola, do lar e da pátria. Imitam os seus actos, mesmo imorais e escravizadores, como o abuso do álcool e das drogas.

Eu também tenho o meu herói favorito. Permitam-me que vo-lo apresente: chama-se Jesus Cristo.

É o meu herói porque, sendo Deus, Se identificou comigo. Foi pobre, muito pobre. Nasceu num presépio. Os que Lhe deram as boas-vindas foram pessoas simples e humildes: pastores e lavradores daquelas regiões.

Teve de trabalhar na carpintaria de Seu pai adoptivo . . . não foi filho mimado e burguês. Foi estudioso e aplicado até ao ponto de surpreender os melhores mestres do Seu tempo.

Quando adulto identificou-Se plenamente com todos: pobres, ricos, religiosos, pecadores, estrangeiros, crianças, adultos . . . com toda a gente.

Foi perseguido pelos religiosos por causa de pregar novas doutrinas que beneficiaram não só a Sua geração, mas todas as posteriores, a ti e a mim.

Sobretudo, considero-O meu herói predilecto porque, embora eu merecesse a condenação por meus pecados, Ele intercedeu por mim perante o Pai e concedeu-me perdão, salvação e uma nova vida. Quando o aceitei como meu herói, a minha vida mudou radicalmente. Ainda hoje procuro imitá-LO. Quero ser como Ele foi, quero fazer o que Ele fez e, se necessário, estou disposto a morrer como Ele.

Sim . . . também se interessa pelos oprimidos, pelos nossos compatriotas pobres, pelos habitantes das vilas miseráveis, das cidades perdidas e dos bairros pobres das nossas urbes modernas e superpovoadas. Também Ele se interessa pelos que sofrem por causa da injustiça, pelos doentes que, em vez de atenção médica, recebem discursos políticos ou religiosos, pelos oprimidos e explorados por gente sem escrúpulos que enriquece à custa da miséria dos outros.

Jesus Cristo é o meu herói, mas também pode ser teu se O aceites e seguires hoje mesmo.

"Eles, porém, gritavam, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o" (Lucas 23:21).

Familiarizamo-nos com a cruz e percebemos a sua presença no lugar de culto. Para muitos de nós, entretanto, o sentido completo do que a Cruz simboliza, a significação do que a Cruz retrata, a total realização do que a Cruz exprime, a tragédia e o sacrifício que ela representa, a realidade inspiradora e terna que ela

projecta e resume, tudo isto surge e aflora, repentinamente, em nosso coração. Nossa alma percebe e avalia, ainda que imperfeitamente, o sentido de toda a maravilha. Então, num abrir e fechar de olhos, nossa fé vislumbra o glorioso e intenso significado do mistério divino que a Cruz encerra.

O que era um evento histórico de quase dois mil anos atrás, perdido no tempo e no espaço, num lugar qualquer muito distante, chamado Gólgota, numa época bastante remota, torna-se para nós, subitamente, algo real, presente, repleto de actualidade. Agora estamos ao pé da Cruz. Agora, olhamos para cima e encontramos os olhos sofredores de Cristo, os cravos e espinhos que O magoaram, as chagas sangrentas, as culpas expiadas. Agora, conhecemos a nossa pecaminosidade, sentimos a enormidade do Seu abandono pelo Pai, contemplamos a extensão da nossa desobediência, a infinitude da nossa ofensa, a profundidade da nossa degradação. Agora vemos o Seu amor e misericórdia, gozamos da Sua graça, sabemos da Sua santidade, recebemos do poder redentor do Seu sangue. Agora, o perdão nos é oferecido pela Sua renúncia e humilhação.

As trevas da dor cobrem o nosso coração. Perguntamos: Por que essa tragédia? Por que esse sacrifício de Jesus? Por que essa morte substitutiva, expiatória? Por que suportou Ele tanta agonia e desespero por nós?

E a cada um de nós vem a resposta. E que resposta! Plena, santa, sublime, satisfatória, luzente e salvadora! Meu amigo, meu caro leitor, tudo Jesus suportou porque nos ama. Ama a você e a mim. Nunca mais precisaremos temer a morte. N'Ele e na Sua cruz temos a vida, a vida eterna, a remissão dos pecados, o descanso do céu, a suspirada paz e alegria. □

"O NOME QUE É SOBRE TODO O NOME"

—Fletcher Spruce

Nas paredes dos monumentos em honra dos heróis estão inscritos os nomes segundo a sua ordem de importância.

Do mesmo modo os nomes dos grandes da Igreja— Abraão, Moisés, Davi, Pedro, Paulo, Lutero, Wesley, Bresee, etc.—se encontram escritos nos arquivos eclesiásticos. Mas é Paulo quem nos diz que há "um nome que é sobre todo o nome" (Filipenses 2:9), Jesus Cristo. E acrescenta: "Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Filipenses 2: 10-11).

O nome de nosso Senhor Jesus Cristo inspira reverência, honra e majestade. Algum dia, ao ser mencionado, todos O adorarão e confessarão como Senhor e Salvador.

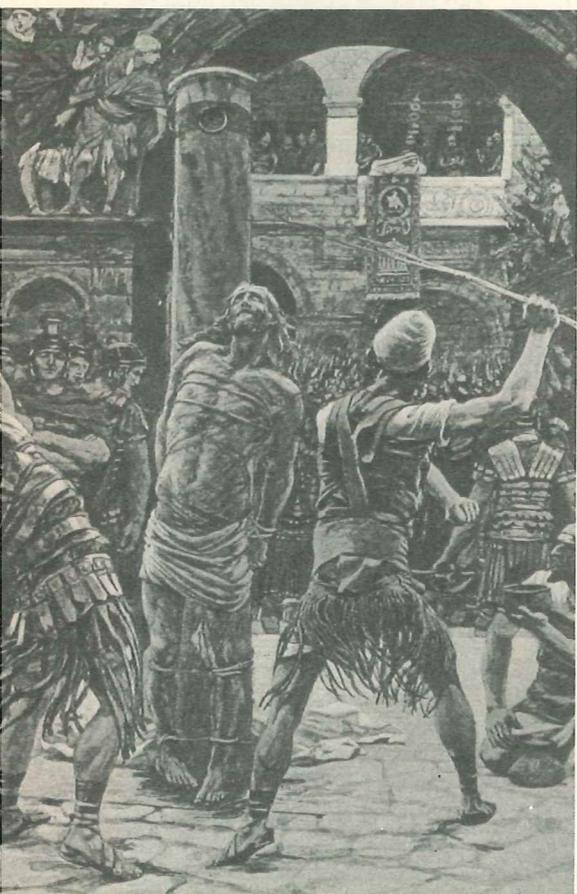
*Dai louvores a Cristo Rei,
O Supremo Poder!* □

A CRUZ DE CRISTO

—Aurélio N. Alexandre
Mesquita, Rio de Janeiro—Brasil

Ele era humano—o homem
que Deus seria se alguma
vez Deus Se tornasse homem.

HUMANO . . .



© Providence Lithograph Co.

água do poço de Samaria para mitigar a Sua sede.

Pressionado pela multidão, anelava por um lugar secreto onde pudesse estar só. No silêncio da montanha ou na quietude do deserto encontrava de novo paz e serenidade—a paz e serenidade que todos os seres humanos necessitam. Em comunhão com o Pai recebia direcção e poder espiritual sem os quais nada podia fazer.

Ele era humano—com todas as emoções e anseios de um homem normal. Chorou pela morte de Lázaro e pranteou sobre Jerusalém. No círculo íntimo dos Seus discípulos havia três que Lhe eram mais chegados. Em tempos de crise, queria-os perto. Levou-os ao monte da transfiguração, à casa de Jairo, ao Getsêmane. Precisava do calor da sua amizade e da bênção do seu companheirismo.

No Jardim, antecipando os sofrimentos que se aproximavam, transpirou sangue. E orou intensamente para que Lhe fosse poupada a agonia que ia começar: a traição de Pedro, a deserção dos outros discípulos, o abandono do Pai, a cruz.

Ele era humano—o homem mais equilibrado que jamais existiu. N'Ele a humanidade atingiu o seu clímax. As Suas virtudes eram bem proporcionadas. As antíteses do Seu carácter eram harmoniosas. A Sua personalidade era bem estruturada. Cantou e chorou. Exprimiu amor e ira, alegria e tristeza. Era terno ao abençoar crianças, mas implacável ao repreender fariseus.

Ele era humano . . . mas não só humano. Sua mãe foi uma virgem. Quando mãos iníquas O mataram, a morte não o pôde reter prisioneiro. A Sua palavra tinha autoridade até sobre os elementos. Transformou água em vinho, acalmou tempestades, andou sobre o mar. As forças das trevas não podiam resistir ao Seu poder: demónios foram expulsos, publicanos recobram uma consciência limpa, mulheres pecadoras foram perdoadas e receberam graça e encorajamento para começar uma vida nova.

Reis, sábios, santos, ansiavam pela Sua vinda. João Batista, perplexo pela Sua vida e mensagem, mandou dois discípulos perguntar-Lhe: “És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?” E Ele respondeu: “Ide e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: que os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho” (Marcos 7:22).

Ele era humano—o homem que Deus seria se alguma vez Deus Se tornasse homem. □

MAS NÃO SÓ

—M. Odette Pinheiro

Ele era humano. Caminhando pelas estradas poeirentas da Palestina, sentiu-Se cansado e teve de parar para recuperar forças. Embora tivesse água viva para satisfazer as almas dos homens, teve de depender da

No ambiente de comodismo em que tantos vivem, ninguém gosta de ser molestado, quanto mais carregar uma cruz! Todavia, sendo pequenina e dourada, não falta quem a use como amuleto, sem compreender as suas implicações. Eu mesmo o fiz antes de me converter—e não só crucifixos, mas também medalhas e escapulários—convencido que tinham poder para livrar de certos perigos e, sobretudo, do Purgatório.

O pior é quando somos obrigados a levar uma cruz pesada contra a nossa vontade! É o que parece ter acontecido ao cireneu, quando os soldados romanos, exasperados com o desfalecimento de Jesus, o forçaram a prestar-Lhe socorro. “E,

JESUS CONTA CONTIGO

—Acácio Pereira

quando saíam, encontraram um homem cireneu, chamado Simão, a quem constrangeram a levar a sua cruz” (Mateus 27:32).

Nunca me surpreendeu a atitude desse forasteiro em Jerusalém. Contudo, o Mestre não devia estar a contar com ele nessas circunstâncias. O que sempre me estristeceu foi o comportamento dos Seus amigos e conhecidos. Onde estava aquele Pedro, capaz de desembainhar a espada e aventurar que nunca O abandonaria? E João, o discípulo amado, Tiago, André, Mateus e tantos outros? Onde estavam os leprosos que Jesus purificara? Os cegos a quem dera vista e a turba que O aclamara na entrada triunfal em Jerusalém? Onde estavam todos eles na hora em que Jesus mais precisava? Ninguém se quis arriscar.

Se, também nós, fugimos do Calvário, como pode Jesus contar conosco? Vemos o próximo nas mãos dos salteadores, despojado, espancado, quase morto; mas, como o sacerdote e o levita, preferimos passar adiante. Não usamos de misericórdia, porque não queremos abandonar o nosso comodismo a favor dos necessitados.

Deparamos diariamente com verdadeiros farrapos humanos, misérias encobertas a estender a mão humedecida pelas lágrimas. E quem se digna curvar-se para socorrer? Quem atende o mendigo que nos bate à porta? Quem mitiga a dor da pobre viúva cheia de filhos? Quem ampara a criancinha abandonada, sem aconchego familiar? Quem se preocupa com os lares destroçados e corações a sangrar? Quem se aproxima dos hospitais ou prisões para ministrar uma palavra de conforto e amizade? Sim, quem está disposto a ser cireneu voluntário num mundo perdido, sem fé, sem lei e sem pão?

Jesus conta contigo e comigo: “Tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me” (Mateus 25:35-36).

No Calvário, um dos malfeitores orou: “Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino”. E o divino Mestre prontificou-Se a estender-lhe a mão: “Estarás comigo, hoje, no Paraíso” (Lucas 23:43). A graça de Deus é maravilhosa! Hoje—não depois de passarmos pelo Purgatório ou qualquer outro lugar de expiação—“o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (I João 1:7).

O ladrão não foi salvo pelas mortificações ou boas obras que praticara, pelo batismo que recebera, pela igreja que frequentara, pelas contribuições que dera, pelas indulgências que ganhara, nem pela assistência dum pastor ou sacerdote. Tão somente porque se arrependeu, reconheceu e confessou os seus pecados (*nós recebemos o que os nossos feitos mereciam, disse*) e confiou em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador. Também Jesus conta contigo para este passo decisivo. “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça” (I João 1:9). □



© Providence Lithograph Co.

• Em 1960 foi morto Caryl Chessman, o criminoso da afamada "cela 2455".
 • Ele foi considerado indesejável à sociedade e sem direito à vida.

—Melhor seria não ter nascido! . . . —diremos nós.

Já parámos, porventura, para pensar em como seria o mundo se Cristo não tivesse vindo?

A HISTÓRIA FALA DAS ÉPOCAS DE CAOS SEM CRISTO

Havia caos na política. Alexandre, o Grande, com vinte anos, à maneira de meteoro investiu para o Oriente, e cinco anos depois o mundo jazia a seus pés. Após breve reinado faleceu. O seu império tornou-se pomo de discórdia e houve caos. Para os judeus houve o período dos Macabeus, período de independência, caracterizado por guerra civil, traição, derramamento de sangue e anarquia.

Havia caos na religião. Durante o domínio Sírio, eles determinaram destruir a religião judaica. Chegaram a oferecer porcos no altar do Templo. Por vezes os Romanos tinham a prática de deificar homens. Os seus ritos religiosos eram usados para satisfazer apetites pervertidos.

Havia caos na moral. A vida familiar que antes tinha sido sagrada, agora desaparecia. O trabalho passou a ser considerado uma desgraça e a classe média desaparecia. Havia milhões de escravos que eram vítimas de maus tratos.

CRISTO É O PRINCÍPIO E O FIM

Por Ele ser o Alfa, correspondente à letra A do nosso alfabeto, Cristo é o carácter do Ano Novo. Ele conhece o caminho e pode orientar-nos durante o seu percurso. Ele dá esperança e incita a prosseguir. Oremos como os discípulos a caminho de Emaús: "Fica connosco!"

Por Ele ser o Omega, correspondente à letra Z, Cristo é o principal pensamento quando o ano finda. Interroguemo-nos: "Ele esteve comigo durante o percurso? Procurei agradar-Lhe?" Se não, que farei para remediar o mal?

SE CRISTO NÃO TIVESSE VINDO, NÃO HAVERIA A DOCTRINA FUNDAMENTAL DA FÉ CRISTÃ

Cristo veio para ressuscitar, restaurar o homem moralmente, vesti-lo do homem novo, à semelhança da cobra que perde a pele velha e se renova. Hoje temos prova de muitos que foram transformados: homens arruinados pelo álcool, transformados em homens sóbrios e de carácter; homens-problemas na sociedade e parasitas, transformados em homens de bem e que dão uma contribuição válida.

Cristo veio para salvar o homem pela fé. Salvar implica que o homem está em perigo. Precisa ser liberto dos apetites baixos, dos vícios e de si próprio, pois, muitas vezes, o principal inimigo do homem é ele mesmo.

Cristo veio por tua causa. Se Ele não tivesse vindo, ficarias irremediavelmente perdido.

—Manuel Brito Semedo
 Santiago, Cabo Verde



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça **HOJE** a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____



Novo MANUAL da Igreja do Nazareno

Contém toda a legislação aprovada pela Assembleia Geral de 1976

Livro indispensável—fonte oficial de história, doutrina, ritual e governo da Igreja do Nazareno.

Encomende o seu exemplar à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES.

Encadernado a preto, letras douradas.
Preço U.S.\$3.00
20 ou mais, U.S.\$2.50

história de amor

—Susan M. Hahn

Ante a grandeza do sofrimento e a maldade do pecado, o homem sente-se só, sem poder para vencer e com vontade de fugir. Todavia não encontra refúgio. O Deus do universo com milhares de mundos e forças incompreensíveis, parece não ter nada em comum com o ser humano mesquinho e insignificante. Mas espera . . . há realmente uma esperança: esse Deus tornou-se homem e, nessa experiência da Sua encarnação, o homem encontra força para resistir e vencer a maldade e o pecado.

Ao iniciar o Seu ministério neste mundo, Jesus, Deus-Homem, disse estas palavras de Si mesmo:

O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a apregoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor (Lucas 4:18, 19).

Ao examinar a vida e o ministério de Jesus, impressiona a Sua simplicidade: "Não teve por usurpação ser igual a Deus" (Filipenses 2:6), mas calcorreou os caminhos poeirentos da terra. O Seu olhar prescutoou até a presunção e hipocrisia dos religiosos. Cumpriu o que prometera: curou os doentes, proclamou as boas novas do amor de Deus e com a morte libertou o homem da condenação e das cadeias do pecado. Não veio para condenar o mundo, mas para o salvar.

O mundo, isto é, o homem com o seu pecado e necessidade da graça divina, não mudou desde os dias de Gregório Magno, nem mesmo desde os dias de Noé. O que volta as costas ao pecado, à maldade e ao mundanismo, encontra-se com Cristo: Ele é a solução dos problemas do mundo; o remédio para o pecado; o único e verdadeiro herói digno de imitação; Aquele que cura todas as enfermidades.

Será por Cristo ser o ponto culminante, oposto a tudo que se relaciona com o mal? Jesus é o modelo mais perfeito e tangível. Apresentemo-nos a Deus, entregando-Lhe o nosso ser, o nosso pecado, os nossos problemas e deixemos "que se manifestem em nós as obras de Deus" (João 9:3).

Qualquer que seja a nossa situação, se somos pecadores afastados de Deus ou remidos pela Sua graça, reconhecamos que se recorrermos a Ele, o mal não tem poder para nos escravizar. Estejamos prontos e aptos para apresentar Jesus aos nossos amigos perdidos. Invadamos o mundo do pecador, antes que pereça, com a história de amor. □



Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5° E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.

TOCOU-ME

“Vem aí Jesus de Nazaré!” “O Senhor aproxima-Se!” “O Seu barco está a atracar no cais!”

Expressões emocionantes como estas deviam ter soado em Cafarnaum há quase dois mil anos. Quando Jesus e os discípulos chegaram a terra, a multidão cercou-os. Alguns tinham vindo para escutar mais uma parábola dos lábios do melhor orador que jamais ouviram. Outros espreitavam às janelas, cheios de curiosidade, para verem que milagres faria Jesus.

De repente, o Mestre levantou as mãos em sinal de silêncio. Olhou à Sua volta e perguntou amavelmente:

“Quem me tocou?”

Ninguém respondeu.

Os discípulos entreolharam-se surpreendidos. “Quem Lhe tocou? Centenas de pessoas O estão a tocar de todos os lados. Ele sabe muito bem como se comporta a multidão.”

Novamente Jesus fez a pergunta:

“Quem me tocou?”

Então acrescentou: “Alguém me tocou porque bem conheci que de mim saiu virtude” (Lucas 8:46).

Finalmente uma mulher tímida disse a tremor: “Fui eu, Senhor, eu é que Te toquei”.

Por que foi diferente a maneira como ela tocou o Mestre? Por que produziu aquele toque o milagre de que ela precisava? Eis três observações importantes:

1. O toque da mulher foi de *desespero*. Estava gravemente doente. Se não fosse curada naquele dia, possivelmente morreria dentro em breve. Tinha sofrido durante 12 anos e gasto todo o dinheiro para se curar, “nada lhe aproveitando isso”. A sua única esperança estava em Jesus. Tinha de Lhe tocar ou, então, resignar-se a morrer.

Certo escritor descreve do seguinte modo a diferença entre a “necessidade” e a “necessidade

desesperada”: O automóvel de um homem pára a meio do caminho. Ele carrega no acelerador com frequência e acciona o arranque várias vezes sem resultado. De repente, ouve ao longe o silvo duma locomotiva. Aproxima-se velozmente. O homem verifica com horror que o carro está no meio da via. Agora a sua *necessidade* transformara-se em *desespero*. Encontra-se em perigo mortal. Precisa de tirar o automóvel da via férrea ou sofrerá as consequências.

Compreende agora a diferença entre a necessidade e a necessidade desesperada? A mulher da narração bíblica tocou o Senhor *desesperadamente*.

2. O facto de ter tocado o manto de Jesus foi um acto de *fé pessoal*.

A mulher ouvira muito acerca de Jesus. Sem dúvida que tinha ouvido comentar dos Seus vários milagres e, provavelmente, também escutara críticas contra Ele. Mas decidiu não prestar atenção às opiniões falsas nem ao que era negativo. Apenas desejava tocá-LO!

Essa é a única maneira justa de julgar o Senhor. O homem tem de recorrer a Ele sem preconceitos, com fé. Então Ele também tocará a sua alma e perdoará os seus pecados.

3. Quando a mulher doente tocou Jesus, pôs a sua *fé em acção*. A necessidade desesperada e a fé pessoal não são suficientes. As Escrituras dizem que “a fé sem obras é morta”.

Dê hoje mesmo estes três passos para a cura da sua alma, mente e corpo: primeiro, compe-netre-se profundamente da sua necessidade antes de pedir o que precisa. Segundo, comunique pessoalmente com Jesus Cristo. Terceiro, mostre a sua fé publicamente. Por outras palavras, ponha em prática o conhecimento do amor de Cristo que já possui. Se o fizer, poderá dizer com o poeta: “Tocou-me e curou-me Cristo, o Salvador!” □

—Paul Evans

**Um livro dinâmico que
revolucionará a sua vida.**

Sete capítulos absorventes:

- I. O Elemento Tempo na Salvação
- II. A Santificação do Eu
- III. A Vida Controlada pelo Espírito
- IV. A Direcção do Espírito
- V. Orando no Espírito
- VI. A Unidade do Espírito
- VII. Definição do Amor

Encomende hoje o seu exemplar à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES.

Preço U.S.\$1.50

